

THEODOR ADORNO: SOBRE EDUCAÇÃO E ESCOLA

Rita Amelia Teixeira Vilela¹

RESUMO

Este texto² procura situar a discussão de Theodor Adorno sobre educação, apontando a estreita relação entre sua crítica social e sua abordagem de questões da educação. Três dimensões serão apontadas para esclarecer como seu pensamento dialoga com a Teoria da Educação e quais implicações sua perspectiva de crítica à educação apresenta para a discussão da escola: a crítica implícita à educação na análise do processo de dominação cultural; a discussão sobre educação e alienação; a concepção de educação e autonomia. O texto procura demonstrar que, embora Theodor Adorno não seja um teórico da pedagogia, ele sinaliza questões importantes para o debate sobre a função da educação e sobre as reivindicações contemporâneas para a escola.

Palavras-chave: Theodor Adorno. Autonomia. Função da Escola.

INTRODUÇÃO

Neste texto pretende-se mostrar como a teoria social de Theodor Adorno sustenta sua crítica à escola e à educação e que implicações sua perspectiva de crítica à educação apresenta para a discussão da escola contemporânea. A argumentação para esse propósito ampara-se em três perspectivas: a crítica implícita à educação na análise do processo de dominação cultural; a discussão sobre educação e alienação; a concepção de educação e autonomia.

A EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE DOMINAÇÃO CULTURAL:

A EDUCAÇÃO FAVORECE O PROCESSO DE ALIENAÇÃO

Na discussão do processo civilizatório desde o iluminismo, Adorno e Horkheimer não analisam apenas as relações sociais mercantilizadas na ordem capitalista, mas também a ciência e as

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC MINAS. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Frankfurt/M. E-mail: rivilela@uol.com.br

² Texto modificado e ampliado da palestra “Uma concepção de educação em Theodor Adorno”, proferida em mesa redonda no Seminário SOCIEDADE, SUBJETIVIDADE EM EDUCAÇÃO, UFG, 2010.

atividades acadêmicas, relações estas que moldam aquilo que o homem enxerga e aceita do mundo onde vive: "Abandonado a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter libertador e, por isso, sua relação com a verdade" (HORKHEIMER; ADORNO, 2003, p. 13)³. Desse modo, já na *Dialética do Esclarecimento* foi assinalado o quanto o "esclarecimento" anulou a forma clássica de pensar e assim anulou o próprio esclarecimento. Isso quer dizer, na interpretação dos autores, que são as relações sociais que moldam a incapacidade do homem para a condução do seu próprio destino, pois, o pensar foi, ele próprio, coisificado.

A denúncia de um *projeto educacional* que, como toda a sociedade, tolhe o homem de sua individualização, está presente na *Dialética do Esclarecimento*. Já no prefácio da obra, Adorno e Horkheimer apontam o sistema de ensino como uma das instâncias envolvidas com a destruição do verdadeiro esclarecimento, com a destruição da capacidade criativa e de autonomia dos sujeitos:

Tornar inteiramente supérfluas suas funções parece ser, apesar de todas as reformas bem intencionadas, a ambição do sistema educacional. Na crença de que ficaria excessivamente susceptível à charlatanisse e à superstição, se não se restringisse à constatação de fatos e ao cálculo de probabilidades, o espírito conhecedor prepara o chão suficientemente ressecado para acolher com avidez a charlatanisse e a superstição (HORKHEIMER; ADORNO, 2003, p. 13).

Eles denunciam também a sala de aula sendo dominada por ações pedagógicas que promovem apenas a circulação do estabelecido, onde apenas tem lugar o ponto de vista dominante da ciência, o adestramento dos alunos para atividades com fins práticos: "na sala de aula, a supressão do pensamento operado pela lógica (positivista) ratifica a coisificação do homem na fábrica e no escritório" (HORKHEIMER; ADORNO, 2003, p. 47). Assim, a escola ratifica a supressão do pensamento já operado na lógica social e, conseqüentemente, expropria do homem a capacidade de reflexão. Ainda, os autores procuram evidenciar o quanto a reprodução dessa

³ As citações diretas de obras em alemão são traduções livres da autora e apresentam algumas diferenças em relação às passagens constantes nas traduções brasileiras.

lógica positivista na vida social dominante, inclusive no sistema educacional, produz as condições para que o aparente seja visto e assumido como o válido, o falso como verdadeiro, perpetuando assim a lógica vigente de dominação.

[...] A lógica formal como escola oferece aos esclarecidos o esquema da calculabilidade do mundo. [...] o número tornou-se o cânone do esclarecimento. As mesmas equações dominam a justiça e as trocas mercantis [...]. O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento (HORKHEIMER; ADORNO, 2003, p. 22).

A EDUCAÇÃO FAVORECE O PROCESSO DE ALIENAÇÃO – MAS A EDUCAÇÃO TEM, NELA MESMA IMPUTADA, A POSSIBILIDADE PARA FAZER O HOMEM RESISTIR AO PROCESSO DE DOMINAÇÃO

Adorno e Horkheimer não condenam a sociedade ao estado de dominação, pois eles enfatizam o quanto esse processo de alienação deve e pode ser superado: “Não alimentamos dúvida nenhuma – e nisso reside nossa *petitio principi* – de que a liberdade da sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 13). E ao terminar o prefácio, quando registram a intenção com a discussão oferecida na obra, revelam como acreditam nessa superação e como preconizam a desmistificação da ideologia do esclarecimento: “Acreditamos contribuir com esses fragmentos para essa compreensão [...] A questão é que o esclarecimento tem que tomar consciência de si mesmo” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 13-14). Se eles defendem o resgate da capacidade de pensar como a possibilidade de reverter esse quadro, então, para eles é preciso abordar as condições objetivas que produzem a alienação nas situações sociais onde essas condições são geradas, reproduzidas e promovidas – dentre elas, na escola e nela, o processo educacional. Theodor Adorno, de forma particular, continuou a desenvolver a análise do processo de dominação cultural que subtrai ao homem sua autonomia de pensamento e de ação. Se essa crítica foi realizada primeiramente com Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, foi mantida e reforçada em sua produção posterior, e para os fins aqui propostos, podemos lembrar a *Dialética Negativa*, a *Minima Moralia*

e, sobretudo, o texto Teoria da Semiformação. Se considerarmos os aspectos da vida social explorados por Adorno nestes textos, podemos ver emergir a análise crítica do processo de massificação e expropriação das capacidades de individuação e de autonomia na sociedade capitalista, na primeira metade do século 20. Segundo ele, nesse período, as relações sociais estabelecidas moldam a incapacidade do homem de pensar por si mesmo para refletir e tomar decisões autônomas. Adorno, entretanto, defenderá o processo de resistência do homem ao processo de dominação e imputa ao processo educacional uma grande responsabilidade: conduzir para a autonomia.

O processo de dominação e alienação é retomado de forma particular por Adorno ao analisar o domínio ideológico da Indústria Cultural sobre os homens⁴. Ele recupera a discussão que ele e Horkheimer apresentaram na Dialética do Esclarecimento e assume a Indústria Cultural como um objeto privilegiado de análise do processo de dominação e enfatiza o quanto, na vida social estabelecida, a cultura massificada e imposta aos homens retira dele a liberdade e a autonomia. Na verdade, os bens culturais são disponibilizados para aumentar a subordinação dos homens às condições adversas da vida, para aumentar a condição de sua subordinação ao estabelecido. A Indústria Cultural se firmou no poder de sua ideologia, sob a qual ela impera sem transparecer sua opressão, “enquanto propaga sua mercadoria cultural, que deve ser tragada sem resistência” (ADORNO, 2003a, p. 338). O que ela propaga, não importa a quem, é um entendimento generalizado e sem críticas da realidade transmutada em ideologia, ela faz “reclame da sua visão de mundo” (ADORNO, 2003a, p. 339). Dessa forma, cada produto da Indústria Cultural que se apresenta como único, ao contrário de fortalecer o desenvolvimento da individualidade, opera eliminando-a. A Indústria Cultural é o novo mecanismo de propagação da ideologia, de um falso mundo que tem a pretensão de se estabelecer como verdade. Dessa forma, seu resultado é a desumanização.

De forma particular, no texto “Teoria da Semiformação” (ADORNO, 2003b)⁵ Adorno faz referências explícitas à função social da educação formal, aquela pela qual a escola é responsável.

4 Essa análise já está presente no capítulo sobre a Indústria Cultural, na Dialética do Esclarecimento.

5 Há duas traduções brasileiras: Adorno, 1996 e 2010.

Problemas apontados nela não podem ser explicados e enfrentados como independentes do sistema social porque a escola tem sua condição de existência real na sociedade. Ignorando essa relação, adverte Adorno, as reformas pedagógicas não passam de ações pragmáticas que resultam em perdas no processo e no resultado da educação. A relação dos problemas da escola com seus determinantes sociais precisa ser verificada empiricamente antes de qualquer intervenção. Se o processo educacional consolidado não efetiva a formação de pessoas tal como preconizado pela teoria da educação e, pelo contrário, favorece a semifomação, isso precisa ser esclarecido. Analisando a escola alemã naquele tempo, Adorno entende que a crise revelada pela escola deveria ser entendida como a crise da sua capacidade para educar pessoas, para conduzi-las à formação plena, ou seja com autonomia para a vida social; em suma, a crise era da própria educação. Segundo Adorno, nas formas como entendem e tratam a crise da escola, manifestada na sua ineficácia para a realização da formação plena do sujeito (*Bildung*⁶), os movimentos reformistas não trataram a *Bildung* como categoria social concreta, como momento particular do processo social. Assim, não entendem que a crise revela que a educação se afasta da possibilidade de realizar seu próprio projeto, pois, ela foi edificada para ser o lugar de formar pessoas, conduzi-las ao alcance da *Bildung*, operando o processo ensino e de educação.

A escola, como instituição, surgiu para formar os sujeitos na nova ordem social pós-sociedade feudal; em seguida, assumiu como proposta responder aos ideais iluministas de formar a natureza humana na sua completude, devendo alcançar todos os homens (BLANKERTZ, 1982). É assim que está defendida na teoria da educação desde Kant. Mas, segundo Adorno, o que se tornou realidade como educação, que se sedimentou (e não apenas na Alemanha) foi uma forma evidente, utilitarista e negativa de educação das pessoas: “Afastada de sua dimensão formativa a educação não passaria de um falso processo de socialização que se

6 O termo *Bildung* recebeu no Brasil a tradução de “formação cultural”. Entretanto, penso que Adorno usou essa categoria tomada da teoria da educação e, nesse caso, a tradução para “formação” é suficiente. O conceito diz respeito ao resultado do processo de realização da educação do indivíduo para que ele alcance a plena identidade da natureza humana, e abrange a educação familiar, social, cultural e escolar. Assim, *Bildung* refere-se ao estado de maturidade social, intelectual e de autonomia alcançado pelo homem no seu processo de autoconstituição como ser-humano. Isso torna o qualificador “cultural” dispensável. Prefiro manter o termo alemão *Bildung*.

transformou, em verdade, numa semiformação, numa generalização do espírito de alienação” (ADORNO, 2003b, p. 93).

A formação agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que segundo sua gênese e seu sentido não antecede à formação, mas, a sucede. Desse modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. Nada fica intocado na natureza, mas sua rusticidade, a velha ficção preserva a vida e a reproduz de maneira ampliada. Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação permanece presa a elementos culturais aprovados. (ADORNO, 2003b, p. 94).

Assim, ao assinalar a contradição entre a educação como ideal e a realidade social, Adorno produziu uma crítica à ideologia da escola, na melhor tradição daquilo que se configura como *Sociologia Crítica da Educação*: a educação está comprometida com o processo de reprodução das relações sociais de dominação e por isso não conduz à realização da *Bildung*; no seu lugar, a educação promove a adaptação do homem à ordem estabelecida, o que é contrário à *Bildung*. O texto demonstra a capacidade interpretativa de Adorno da situação crítica da escola e da educação, que ele considera ser o fato de o processo educacional não conduzir à realização da *Bildung*. Para ele, o que estava em jogo não era ineficácia do sistema escolar, apontada por muitos educadores e cientistas sociais, na realização de um suposto modelo de *Bildung* edificado no iluminismo, como se *Bildung* fosse ela mesma uma categoria superada, mas a constatação de que a escola e a educação realizavam outra coisa, contrária à *Bildung* – a promoção da semiformação (*Halbbildung*).

Para Adorno, as críticas correntes à *Bildung*, que a situavam como uma categoria da teoria da educação “burguesa” e imprópria numa condição de educação para todos, esqueciam-se que *Bildung* era um aspiração da sociedade para todos os homens. Segundo ele, se na antiga filosofia da educação o homem era tratado como um ser abstrato, desprovido da sua condição social, a necessidade posta pela sociedade capitalista de abordar o homem segundo a dimensão imposta pelas relações sociais apenas indicaria a necessidade

de uma nova dimensão de homem, que o abarque como sujeito social determinado. Dessa forma, o conceito de *Bildung* exige uma atualização, pois precisa explicitar o que significa autonomia na ordem social vigente. A crise da educação na realização da *Bildung* não pode ser usada para dispensá-la, pelo contrário, é preciso discutir porque ela não foi/é realizada. Apenas o entendimento das condições e limites estruturais da educação, como práxis social historicamente determinada, pode permitir a compreensão do que deve ser a *Bildung* na atualidade, liberando-a de ser apenas uma doutrina educacional. A formação plena do homem, a *Bildung*, continua sendo um imperativo para uma vida social com dignidade e deve corresponder à formação plena de sua natureza explicitada numa formação social e cultural particular. Assim compreendida a *Bildung*, ela continua como a reivindicação última do processo pedagógico operado pela escola.

Portanto Adorno, ao lado do como ele reitera a incapacidade demonstrada pela escola em criar os mecanismos de formação apropriados ao Homem contemporâneo – das possibilidades de desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia do sujeito, que resistam ao processo de massificação do mundo – ele expressa uma confiança à escola, à sua responsabilidade de formação das pessoas e reconhece nessa formação a única possibilidade para o homem resistir ao processo de dominação. Adorno, pois, concebe a formação como materialização dessa condição de plena autonomia. Apenas onde a formação represente a independência de pensamento é possível resistir aos ditames da ordem social exterior ao homem e, só com essa condição, é possível a edificação de uma sociedade livre e justa, uma sociedade de homens livres que a edifiquem como sociedade onde estes homens livres possam viver.

Mas Adorno não escreveu uma obra a esse respeito e deixamos a difícil tarefa de entendê-lo nessa perspectiva através de uma produção fragmentada, produzida como homem público convidado a externar posicionamentos acerca de suas próprias críticas à sociedade e às suas instituições. Aqui me refiro a dois conjuntos da sua produção. No primeiro, a três palestras dirigidas a educadores: em 1961, A filosofia e os professores; em 1965, Tabus acerca da profissão de professor e, em 1969, Educação após Auschwitz. No segundo, às suas manifestações sobre situações concretas do sistema

de ensino alemão, externadas nos debates radiofônicos na rádio de Hessen com o educador Hellmut Becker: (1967) Educação - para que? (1968) Educação contra a barbárie; (1969) Educação e autonomia⁷. Este material está numa coletânea organizada por seu amigo Gerd Kadelbach, que os reuniu com outros textos do teórico que abordam questões da vida cultural e, em 1971, editou um livro com o título *Theodor Adorno: Educação para a autonomia. Palestras e diálogos com Hellmut Becker – 1959-1969* (KADELBACH, 1971)⁸. O objetivo do livro foi suprir, à época, uma discussão instalada na Alemanha sobre seu sistema educacional num contexto particular: críticas ao seu sistema de ensino como reprodutor da ordem capitalista através do sistema organizado em três ramos de ensino, destinados respectivamente à elite, à classe média e aos trabalhadores, sendo apontado como excludente pelos neo-marxistas⁹, com base em evidências de pesquisas que denunciavam a distribuição da população pelo diferentes tipos de escola. Disso decorreu um amplo movimento de reformas nesse sistema escolar, acompanhado de amplo e caloroso debate (*Mut zur Erziehung - Ânimo para educação; Bildung ist Bürgerrecht - Formação é direito do cidadão*), do qual participavam ativamente os diferentes grupos de professores das diversas associações profissionais, intelectuais e políticos. Nesse contexto estava sendo proposta a escola única (*Gesamtschulen*) e havia divisão entre os que viam nesta a solução da seletividade operada no sistema escolar e aqueles que temiam que a solução proposta não passasse de um novo engodo, apenas camuflando ou criando outra forma de seleção social através da escola. Outro lado dessa crítica defendia a necessidade da educação ser dirigida para combater experiências escolares que fortaleciam as relações interpessoais de dominação e, como consequência, a defesa de experiências e práticas pedagógicas que fortalecessem o espírito reflexivo e imprimisse mais autonomia e criatividade dentro das escolas. Adorno foi um nome incorporado por esse movimento como alguém que sugeria que a

7 A tradução do conceito *Mündigkeit* para emancipação ou autonomia tem sido feita no Brasil representando escolhas e têm sido justificadas. A minha é por autonomia.

8 Traduzido no Brasil como Educação e emancipação. (Vozes, 1995). O livro foi primeiramente lançado no mercado editorial como um livro de Adorno, equívoco que se desfez apenas depois. Os editores de Adorno não o incluem nas obras completas do autor.

9 Uma discussão próxima ao que denominamos Teorias da Reprodução, abordando os mecanismos de reprodução da ordem capitalista no sistema escolar. Há na Alemanha uma significativa produção nessa abordagem: Johanes Gröll; Johannes Beck; Elmar Altwater e Freerk Huisken.

escola se transformasse numa agência de formação de consciência. Estudiosos de Adorno na Alemanha enfatizam que os anos da década de 1970 foram propícios à interpretação do teórico como criador de uma teoria da ação pedagógica para a emancipação devido a esse clima reformador e de anseio por mudanças no sistema escolar. Setores do professorado buscaram teóricos que lhes oferecessem orientação para interferir na escola e suas práticas. Adorno e outros foram assim incorporados como provedores das soluções práticas para a escola (GRUSCKA, 1987).

Nesse contexto é necessário entender a obra editada por Gerd Kadelbach, que era professor, engajado nas lutas de associação docente e responsável pela discussão da educação continuada, promovida em um projeto de debate radiofônico do final dos anos 1960 sobre questões culturais, projeto que foi assumido pela rádio estatal de Hessen. Becker¹⁰, que foi parceiro de Adorno nos debates, era outro seu amigo próximo. Além de advogado e economista, era político educacional. Ambos buscaram em Adorno e em seu pensamento crítico argumentos para o debate sobre as reformas educacionais, valorizando o grande momento social de discussão da escola e da educação. Como homem público Adorno se empenhou em expor suas ideias, como está bem colocado por Kadelbach no prefácio do livro. Essa discussão sobre a relação Adorno e educação mereceu esclarecimentos posteriores na Alemanha entre aqueles que procuraram compreender sua contribuição efetiva para a discussão da educação, que fosse uma contribuição que se afastasse de ser uma simples referência a algumas de suas citações, como slogans, para justificar toda e qualquer inovação de ensino, como ocorrera no movimento renovador dos anos 1970 (GRUSCHKA, 1989). Mas, mesmo com algumas interpretações incorretas, tais como a que Adorno formulara uma teoria da ação pedagógica para a conscientização de pessoas, esse movimento possibilitou a entrada em sua obra procurando destacar seu pensamento sobre educação, o que acabou por confirmar o reconhecimento da sua importância para a área. É relevante uma produção que procura evidenciar que sua concepção pedagógica está explícita no debate que ele desenvolve acerca da realidade social e nesta, como ele aborda o sentido da educação na sociedade industrializada (GRUSCHKA, 1987, 1989,

10 De 1956 a 1974, foi presidente da Liga alemã de Universidades do Povo, além de fundador e diretor do Instituto Max Planc de Pesquisas Educacionais, em Berlin.

1995; BLANKERTZ, 1982). Há uma geração de brasileiros que têm feito o mesmo investimento e essa discussão, na certa, terá vida longa, pois, em cada entrada nas produções do teórico encontramos argumentos para esse debate (PUCCI, 1994; ZUIN; PUCCI; RAMOS DE OLIVEIRA, 1999; VILELA, 2006, 2007, 2009).

Essa produção tem mostrado, de um lado, como Adorno dirige críticas ao sistema escolar que consolida uma experiência de educação massificada e fortalece o processo de dominação social vigente na sociedade; e por outro, como ele revela a crença ao valor da formação esclarecida para a edificação da sociedade democrática. Dessa forma, ele aponta que há um colapso no projeto educacional do iluminismo, que fortalece a semiformação e a conseqüente incapacidade do homem para conduzir seu próprio destino e poder evitar a continuidade do curso da sociedade danificada. Mas, ao mesmo tempo, Adorno também defende que a educação, para viabilizar o alcance da *Bildung*, deveria ser edificada como resistência contra o processo de dominação cultural. O que se tem destacado nessa discussão é a forma reiterada em que Adorno defende uma perspectiva de educação para a autonomia, situada, de forma particular, no texto *Educação após Auschwitz* e nos três debates já citados. "A educação só faria sentido como uma educação para a autoreflexão crítica" (ADORNO, 1995, p. 21). Mas é preciso compreender o que pensa Adorno como "educação para a autonomia".

A EDUCAÇÃO (ERZIEHUNG) DEVE SER DIRIGIDA PARA A AUTONOMIA - A AUTONOMIA É CONDIÇÃO PARA A FORMAÇÃO (BILDUNG)

A fragmentação dos argumentos de Adorno nos textos acima referidos, pontuando a questão da dominação na formação das pessoas e questões específicas de uma educação escolar, que favorece o processo de dominação, torna a tarefa difícil, mas não impossível. Há várias expressões de Adorno que podem ajudar neste sentido e, para isso, me proponho a examinar o texto *Educação após Auschwitz*.

Nele, Adorno aponta como a ausência de consciência é um fator imanente ao estabelecimento das relações sociais desfavoráveis a

uma vida social que respeite o homem como homem. Ele relaciona a falta de consciência com os comportamentos sociais dominados pela lógica instalada de dominação e contrários ao homem, e assim denuncia que a falta de consciência, perpetuando as situações de não esclarecimento, impede o reconhecimento do outro e, assim, torna-se fator preponderante para produzir as situações de barbárie como as ocorridas na Segunda Guerra.

Pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem-se a si próprios em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados. Isso combina com a disposição de tratar os outros como massa amorfa (ADORNO, 1995a, p. 129).

[...] e esse tipo de caráter manipulador eu o denominaria de tipo de consciência coisificada. No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas (ADORNO, 1995a, p.130).

E discutindo o caráter manipulador desse tipo de sujeito Adorno pontua como ele age nas relações sociais, como ele está praticamente submetido a um determinante da opressão – sua incapacidade de reflexão:

[...] porque leva a quem projeta um sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência a se esquecer do que acontece com essas pessoas em Auschwitz (ADORNO, p. 133).

[...] se as pessoas não fossem profundamente indiferentes ao que acontece em relação com todas as outras, excetuando o punhado com quem mantém vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então o episódio Auschwitz não teria sido possível. As pessoas não o teriam aceitado (ADORNO, 1995a, p.134).

Mas Adorno não se entrega a essa determinação, ele não a aceita. Ao mesmo tempo em que desenvolve a crítica ele revela como acredita na possibilidade de superação desse princípio de

dominação e registra sua reivindicação peremptória para que a perpetuação da falta de consciência seja evitada e de como isso é tarefa da educação:

[...] Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos, de modo que as pessoas esclareçam o processo de coletivização (ADORNO, 1995a, p. 127).

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira a ser colocada para a educação. De tal modo que ela preceda quaisquer outras que creio não ser preciso justificá-las. [...] pois, Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem as condições que geram essa regressão (ADORNO, 1995a, p. 119).

Então fica evidente como ele defende que se dê um sentido à formação, que a educação a ela dirigida não desconheça os abismos da sociedade danificada, é preciso que esses abismos se tornem conscientes a todos os homens de modo a não favorecer a possibilidade de seu reviver. Os homens precisam conhecer os mecanismos da sua socialização e das suas relações sociais que os tornaram assim.

É preciso conhecer os mecanismos que fazem os homens de tal modo que eles sejam capazes de tais atos, é preciso revelar esses mecanismos aos homens para que a consciência desses mecanismos possa impedir que voltem a agir desse modo (ADORNO, 1995a, p. 121).

Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias (ADORNO, 1995a, p. 121).

Fica evidente que Adorno almeja uma sociedade de homens com autonomia de pensamento e de ação, que possam fazer resistência

à cultura dominante e então edificar uma cultura verdadeiramente humana, uma cultura a favor do homem – e não uma cultura a favor da dominação.

Nos debates na rádio de Hessen, as dimensões defendidas nesse texto são reiteradas, revelando uma concepção de educação e uma reivindicação para a escola: a educação deve resgatar seu potencial de desenvolvimento de consciência e de subjetividade; deve ser uma educação para a não dominação: “A educação tem sentido unicamente como educação dirigida à autoreflexão crítica” (ADORNO, 1995a, p. 121). Portanto, a educação deve imprimir todo seu esforço para resgatar a autonomia subtraída pelas relações sociais de dominação, para resgatar nos indivíduos a capacidade de subjetivação, e de pensar e agir por conta própria. Nessa perspectiva ela teria a responsabilidade de eliminar as condições de opressão presentes no seu funcionamento, a fim de não fortalecer a heteronomia, e de erigir as condições para o desenvolvimento da autonomia. Portanto, está correta a sinalização que tem sido atribuída a ele: Adorno propõe ou defende que a educação seja a educação para a autonomia. E como concebe essa autonomia ele próprio nos informa, assumindo a proposição de Kant - A autonomia só existe na condição em que os homens dispensam todo tipo de tutela.

A única força eficaz contra o princípio de Auschwitz seria autonomia. E se eu posso usar a expressão de Kant, autonomia é a força de reflexão para a autodeterminação, para o não simplesmente fazer como os outros”. (ADORNO, 1995a, p. 125).

[...] a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nessa direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (ADORNO, 1995b, p. 183).

Desse modo, para Adorno, apenas através de uma educação para a autonomia seria possível a efetivação da *Bildung*, recuperada da sua essência de formação plena do sujeito. Como tal a *Bildung* teria condições de fazer o homem libertar-se da dominação da sociedade. Uma educação assim estabelecida deveria fomentar a capacidade de superar o conformismo e a indiferença, a capacidade

de experimentar, de arriscar, de fazer diferente dos outros, de romper com a heteronomia resultante da vida social sob as relações sociais capitalistas. É essa heteronomia, constituída na vida social através de ações determinadas fora do sujeito, que torna-os dependentes de normas que não são assumidas pela sua própria razão. Para isso seria necessário, então, promover o desenvolvimento da subjetividade e da individualidade como condição para viver a pluralidade da vida social humana. Pressupõe a coragem e a aptidão de cada um se servir de seu próprio esclarecimento.

Assim, Adorno parece compreender a educação como um programa deliberado de resistência ao estabelecido, que possa levar as pessoas a compreender a contradição imanente na vida social sob o capitalismo e perceberem que é possível ser de outro modo. Nessa condição a educação edificaria uma possibilidade real de conduzir à *Bildung*, entendendo esta como um estado plena autonomia. Todavia, Adorno não quer dizer com isso que tributa à escola a responsabilidade de, sozinha, operar a mudança social. Assumir essa posição seria um equívoco. E se é verdade que se deva creditar a Adorno a defesa que a educação só teria sentido se fosse dirigida para a formação de pessoas dotadas de autonomia de pensar e de agir, não se pode creditar a ele uma proposta pedagógica para desenvolver esse componente, uma vez que, para ele, isso estaria no processo social como um todo e a escola deve ser compreendida na sua relação estrutural *dialética negativa* com a sociedade.

Finalmente, precisamos responder se seu pensamento sobre educação se assenta num diálogo com a teoria da educação e se é possível esclarecer que implicações a dimensão de educação para a autonomia apresenta para a escola. Coerente com o que Adorno nos assinalou até agora, fica evidente que, para ele, a ação pedagógica deveria enfrentar, em teoria e prática, a dialética entre a aparência do mundo e sua realidade: deve buscar a compreensão de como a realidade é e o que ela é; deve superar o aparente determinismo de ter que viver a aparência; deve refletir causa e consequência de todas as relações sociais e buscar outras formas de pensar e de agir para além das formas dominantes de adesão e de adaptação.

O resultado dessa nova prática seria formar uma consciência oposta àquela dominante na sociedade alienada. No lugar da adaptação e do adestramento, a ação escolar deveria desenvolver a autonomia. Mas ele não nos diz como, pelo contrário: "Evidentemente

eu não tenho a pretensão sequer de esboçar um projeto de educação nesse sentido”, afirma Adorno numa passagem do texto *Educação após Auschwitz*, ao discorrer sobre questões da educação infantil (ADORNO, 1995, p.123). Nos três debates com Hellmut Becker, publicados no livro já referido, um olhar atento percebe como ele resiste às investidas de Becker para dizer algo a respeito do que fazer. Becker, do seu lugar de alguém que está em posição de intervir na política educacional, quer que Adorno aprove medidas em andamento, como a escola única. Adorno se esquivava em apontar soluções e insiste, fazendo referências à sua crítica ao processo de dominação social, que é preciso pensar a dialética da educação como a dialética da formação humana e, nesse sentido, ele se ancora na perspectiva da *Bildung* como a formação plena de todas as dimensões da constituição humana, defendida desde o iluminismo como cerne da teoria pedagógica. Ao mesmo tempo, ele insiste em que essa fosse pensada no contexto das relações sociais particulares daquele tempo, determinadas pelos sofisticados mecanismos de ajustamento ao *status quo*. Para ele, a persistência da reivindicação do pensamento crítico como meta da educação se deve ao fato de que a dialética entre dominação e autonomia, concretamente presente na relação pedagógica, impregna todo o processo social e não pode ser superada apenas por práticas circunscritas ao âmbito educacional.

Entretanto, garantir a efetivação da formação integral plena (da *Bildung*) parece ser a reivindicação de Adorno para a escola. A formação é um conceito importante da teoria pedagógica, seu significado é que, pela *Bildung*, o sujeito se eleva à condição de sujeito pleno. Mas, diferente de uma teoria pedagógica que postula o homem abstrato, o sujeito emancipado de Adorno se eleva à condição de emancipado com plenitude de autonomia nas condições concretas da vida social. E ele se eleva como sujeito pleno através do conhecimento e do uso correto da sua razão, o que lhe permite compreender as contradições da sociedade e os mecanismos que tolhem sua capacidade de autonomia. O sentir-se sujeito no mundo compreendido por Adorno equivale a ser não dominado e, para isso, o conhecimento, promovido na e pela escola na relação ensinar e aprender, e a educação, como processo deliberado de elevar o sujeito à condição de vida social com autonomia, são bases para que ele se eleve como indivíduo, que realize a sua formação (*Bildung*). Sem educação e sem ensino não se processa essa formação.

Na história da escola essas três dimensões estão presentes e se relacionam dialeticamente no processo pedagógico, sendo, portanto, dimensões do processo escolar (GRUSCHKA, 1989; HEYDORN, 1979). Adorno tem em vista esse processo ao insistir que a sociedade deve perseguir sujeitos emancipados e que a escola deve ser dirigida à sua efetivação. Se isso se confirma, e aqui fica registrada uma proposta de investigação, podemos concluir que Adorno defende uma boa escola: a que educa, a que ensina e a que incorpora a possibilidade real de formar o homem pleno de autonomia como condição para a vida social.

THEODOR ADORNO: ON EDUCATION AND SCHOOL

ABSTRACT

This paper seeks to locate Theodor Adorno's discussion on education, pointing out the relationship between his social criticism and his approach to some issues on education. Three dimensions are signalized to clarify how his critical perspective and thinking, dialogues with educational theory, and provide insightful discussions for schooling, such as: the implicit criticism in his analysis on education and the process of cultural domination; the discussion of education and alienation; his conception of education and autonomy. It has pointed out that, Adorno's critical theory has signed up with important issues in the debate about the role of education and the schools contemporary demands, even though he wasn't a theoretician on pedagogy.

Keywords: Theodor Adorno, Autonomy, School Function.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. *Dialética negativa*. Trad. de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A.; LASTÓRIA, L. A. C. N. *Teoria Crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. São Paulo: Autores Associados, 2010, p.7-40.

_____. Teoria da semicultura. *Revista de Ciências da Educação – Educação e Sociedade*. Ano XVII, Dezembro, número 56. Cedes/Papirus: Campinas, 1996, p.388-411.

Theodor Adorno.. - Rita Amelia Teixeira Vilela

_____. Theorie der halbbildung. In: ADORNO, T. W. *Soziologische scriften I*. Frankfurt: Suhrkamp, 2003a, p.93-121.

_____. Résumé über Kulturindustrie. In: ADORNO, T. W. *Kulturkritik und Gesellschaft I*. Frankfurt: Suhrkamp, 2003b. p. 337-345.

_____. Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*. Paz e Terra: São Paulo, 1995, p.119-138.

_____. Educação e amancipação. In: *Educação e emancipação*. Paz e Terra: São Paulo, 1995, p.169-186.

BLANKERTZ, H. *Die Geschichte der Pädagogik. Von der aufklärung bis zur Gegenwart*. Wetzlar: Büchse der Pandora, 1982.

GRUSCHKA, A. "Die Aktuelle Lage der Pädagogik in Theorie und Praxis und die Aufgaben des Instituts für Pädagogik ud Gesellschaft". In: *Pädagogische Korrespondenz*. Heft N. 01, 1987, p. 5-18.

_____. Alles muss besser werden, aber eigentliche ist alles egal. Über Modernisierungsphantasien und die Schwerkrafteiner irrationalen Einrichtung der fortgeschrittenen Gesellschaft". In: *Pädagogische Korrespondenz*. Heft N.25, 2000, p. 5-24.

_____. Adornos Relevanz für dei Pädagogik. In. SCHWEPENHAEUSER, G. (Hrsg). 1995. *Zoziologie im Spätkapitalismus. Zur Gesellschaftstheorie Theodor W. Adornos*. Darmstadt: WS Buchgesellschaft, 1995, p.88-116.

HEYDORN, H.-J. *Über den Widerspruch von Bildung und Herschaft*. Bildungstheoretische Schriften.Band 2. Frankfurt/M: Syndikat, 1979.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (tradução da edição da editora Fischer, Frankfurt, em 1969).

_____. *Dialektik der Auklärung*. Frankfurt: Suhrkamp, 2003.

KADELBACH, G. (Hrgs). *Theodor Adorno: Erziehung zur Mündigkeit*. Frankfurt: Suhrkamp, 1971.

PUCCI, B. (Org.). *Teoria crítica e educação*. Vozes: Petrópolis, 1995.

VILELA, R. A. T. *A presença da Teoria Critica no debate e na pesquisa educacional no Brasil e na Alemanha no período de 1995 à atualidade*. Belo Horizonte: CNPQ/PUC Minas. Programa de Pós Graduação em Educação, Relatório de Pesquisa, 2009. Disponível em <www.ich.pucminas.br/pged>.

_____. *A teoria crítica da educação de Theodor Adorno e sua apropriação para análise das questões atuais sobre currículo e práticas escolares*. Belo Horizonte: CNPQ/PUC Minas. Programa de Pós Graduação em Educação, Relatório de Pesquisa, 2006. Disponível em <www.ich.pucminas.br/pged>.

_____. Críticas e possibilidades da educação e da escola contemporânea: lições de Theodor Adorno para o currículo. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. UFMG.Nr.45.Jun.2007, p.223-248.

ZUIN, A. A.; PUCCI, B.; OLIVEIRA, N. R. de (Orgs). *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em: maio de 2013.

Aprovado em: julho de 2013.